



CAMPOS, Geir. **O que é tradução**. 1.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

UMA ANÁLISE SOBRE O QUE É TRADUÇÃO, DE GEIR CAMPOS

Fernanda Souza Fernandes¹
Universidade Federal de Alfenas
(fernandesfernanda080@gmail.com)

O escritor do livro *O que é tradução* (1986), Geir Campos, foi poeta, ensaísta, jornalista, tradutor brasileiro e professor na Escola de Comunicação da UFRJ na qual foi mestre e doutor em Comunicação após o Bacharel em direção teatral (FEFIERJ/ MEC, hoje UNI-RIO). Campos foi também um dos fundadores do Sindicato dos Escritores do Rio de Janeiro e da Associação Brasileira de Tradutores, ABRATES, — hoje, Sindicato Nacional de Tradutores — de que foi presidente.

A obra *O que é tradução* é destinada aos estudiosos da área de Letras, especialmente àqueles que estão iniciando ou que querem ingressar nessa profissão, pois, é escrito de maneira didática e objetiva. Os termos técnicos e expressões que aparecem no texto são explicados de maneira que o leitor, mesmo que leigo no campo tradutório, possa entender o que é tradução.

O poeta acentua que cada língua funciona como um código e o tradutor deve observar os detalhes que merecem atenção redobrada para que

¹ Graduanda em Letras Licenciatura com habilitação em Língua Espanhola pela Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL- MG).



o seu trabalho consiga alcançar o objetivo definido, que é, como afirma Campos “levar o leitor de uma língua para o lado da língua do autor estrangeiro, ou, inversamente, trazer o autor de uma língua estrangeira para o lado da língua do leitor” (Campos, 1986, p.8).

Campos inicia o livro apresentando a definição da palavra “tradução” de acordo com os dicionários, e comenta sobre as tentativas de se definir esse ato por meio da história bíblica da Torre de Babel, a qual diz que a tradução nasceu de uma confusão.

Segundo Gênesis 11:1-9, a Torre de Babel foi construída por descendentes de Noé que queriam alcançar o céu, ao ver a cidade e a torre, Deus, irado, fez com que os homens falassem em idiomas diferentes para que não se entendessem, causando, então, a disseminação dos povos.

Após uma breve apresentação sobre a história bíblica da Torre, Campos traz diferentes autores com opiniões divergentes a respeito da tradução, como a definição do ensaísta inglês John Cunnison, que Geir (1986) considera mais objetiva: “tradução é a substituição de material textual de uma língua por material textual equivalente em outra” e da psicóloga norte-americana Keith Bosley, que para ele é a menos relevante: “a tradução é uma língua fazendo amor com outra”. (Campos, 1986, p.11-12).

Diante de tais afirmações o autor alega que a tradução é uma recriação do original, o mesmo conceito defendido por Octavio Paz (2003) em *Traducción: literatura y literalidad* e afirma que a partir de um texto original podem ter várias traduções para os objetivos que ele possa servir.

No próximo capítulo o escritor discorre sobre a história da tradução desde o primeiro documento encontrado no Egito, em 1799, a



Pedra Rosetta, passando pelo período feudal, Idade Média e Renascimento. Expondo diferentes pensamentos e práticas de como a tradução era feita em alguns países, como os babilônios e assírios que possuíam escribas que escreviam em diversos idiomas e as traduções chamadas de “belas infiéis” porque se preocupavam com a informação ignorando as formas do original, Geir Campos revela que no Brasil romântico primeiro foram feitas traduções indiretas do francês ou do espanhol para somente depois serem realizadas a partir do original.

Campos aponta também que os estudos sobre “a ciência da tradução” vêm exigindo mais atenção devido ao avanço tecnológico que aproxima cada vez mais os países e pelo interesse que surgiu em meados da década de 50 na criação de uma máquina que superaria a prática humana, o que para o profissional não possui vantagem, e essa questão é discutida no capítulo seguinte o qual o tradutor cita as desvantagens da máquina tradutória.

No decorrer do livro Geir faz críticas aos maus tradutores como os de filmes para televisão e indica o que para ele é ser bom tradutor, considerando o modelo educacional da Universidade de Sorbonne, em Paris, que exige dos formandos em tradução o domínio da língua pátria, duas línguas estrangeiras e conhecimentos gerais. Pois, como frisa o tradutor: “Não se traduz afinal de uma língua para outra, e sim de uma cultura para outra” (Campos, 1986, p. 27).

Sendo assim, o tradutor deve dominar as culturas as quais estão sendo trabalhadas possuindo conhecimentos de ambas e se aperfeiçoando “de acordo com os interesses do setor que se destine o seu trabalho”



(Campos, p. 27). Após mostrar o que para ele é ser um bom tradutor Campos aponta certas dificuldades como a diferença cultural das línguas próximas como o português e o espanhol, e o fato de as línguas pertencerem a troncos linguísticos diferentes, como o português e o inglês, exigindo do tradutor a tradução que não segue a forma do texto original, tendo que se valer de “procedimentos técnicos”.

Falando em técnicas, Campos seleciona alguns procedimentos e explica ao leitor questões de estrangeirismo e expressões indicando diferentes estratégias de tradução como a transcrição de cada letra quando há uma palavra da língua-fonte que não possui na língua-meta; e a transposição que é a substituição de uma parte do texto por outra sem que o sentido seja alterado. Essas técnicas, segundo o tradutor, podem ser usadas e variar de acordo com o autor. Apontando também normas e cuidados que o tradutor deve considerar, Geir ressalta ser necessário que o profissional tenha em mente qual é o seu público-alvo e pense nas melhores escolhas porque no final é o leitor quem vai julgar o seu trabalho como bom ou ruim.

Ao final do livro Geir Campos comenta sobre certas atividades dos tradutores em diferentes áreas e como esse trabalho enfrenta dificuldade constante pela conquista de seus direitos, como patrimoniais e pagamento digno, mostrando a constante luta da Associação Brasileira de Tradutores (ABRATES) para que esses profissionais sejam mais reconhecidos e valorizados. Campos apoia a resistência da associação e afirma que “uma das lutas da ABRATES tem sido pela regulamentação da profissão em nosso País, regulamentação essa que só poderá ocorrer depois de reconhecida oficialmente a profissão” (CAMPOS, 1986, p.75).



Referências

PAZ, O. Traducción: literatura y literalidad. *In*: SCHOLZ, L. **El reverso de tapiz**: antología de textos teóricos latinoamericanos sobre la traducción literaria. 1. ed. Budapest: Eotvós József Könyvkiadó, 2003. p. 157-166.

Recebido em: 24/11/2020

Aprovado em: 11/03/2021